

# TRINITY

À Biblioteca Pública de  
Braga

2  
MARÇO  
1974

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração  
Comp. Impressão e Redacção

{ LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

## Expressiva homenagem A necessidade de viajar 5.ª COLUNA

### ao Sr. Governador Civil do Distrito

É de todos conhecido o lúcido e ingente esforço feito pelo nosso Governador Civil para que a Universidade do Minho seja uma breve e consoladora realidade e de quanto se lhe deve em dedicada e esclarecida actuação para que o acto de posse do Magnífico Reitor e Comissão Instaladora tivesse decorrido com a grandeza ímpar de que todos são testemunhas.

Mas para além disso é facto incontroverso que o Chefe do Distrito com um senso indesmentido e indesmentível se assenhoreou do Distrito e como homem público de recursos que é, domina a difícil barca bracarense com pulso que começa a dar nas vistas.

Foi, afinal, a noção desta verdade e a compreensão de que os interesses de Braga estão em boa mão, que levou as suas forças liberais, aquelas que sentem os actos e a gratidão, a levantarem a sua voz como que a dizer que aqueles que menos precisam da política, são, afinal, os mais gratos.

O comércio e a indústria do Distrito formando multidão, foram, na passada quinta-feira, ao Palácio dos Falcões, dizer o seu obrigado e manifestar a sua adesão.

Pois foram felizes no sentido que os levou lá e na alta expressão que deram ao acto. Pode sintetizar-se a descrição na expressão de que estava lá toda a gente.

Oradores felizes, tanto o do comércio como o da indústria, as suas afirmações foram ricas de objectividade e, até, de conteúdo literário.

O Distrito vive muito da detracção, do deita abaixo, do espírito de desfazer, com razão ou sem ela. Ora aquela manifestação deu-nos a certeza de que o coração do Distrito, o seu cerne, o seu valimento humano, intelectual e obreiro estão cientes

das suas obrigações e unidos no seu crer.

É caso para dizer que podemos e devemos sentir-nos bem, até felizes.



O Governador Civil do Distrito a quem foi prestada expressiva homenagem

### O Chefe do Estado inaugura a I Feira Nacional de Avicultura em Tomar

O Senhor Presidente da República recebeu no Palácio de Belém o comissariado da FAI/74—III Feira de Avicultura Industrial e I Feira Nacional de Avicultura que o convidou a deslocar-se a Tomar para inaugurar em 27 de Abril aquele importante certame avícola. O Senhor Almirante Américo Thomaz aceitou ao convite tendo quer para os elementos do comissariado, quer para o sr. Governador Civil do Distrito, presidente da edilidade tomarense e deputados pelo círculo, palavras de simpatia para com os empreendimentos de mostragem técnica promovidos pela cidade naban-tina.

Conta A. E. Hotcner no seu livro «Papá Hemingway» que aquele escritor americano, em suas andanças de vagabundo, encontrou um dia um jovem que lhe disse a ele Hemingway andar a tentar escrever como o autor de «O velho e o Mar». Para isso deambulava também a fim de «obter atmosfera». Queria dizer na sua que só recolhendo material... e vivências, apurando a sensibilidade e sobretudo contactando outras gentes e povos poderia imitar o autor de «Por Quem os Sinos Dobram.»

Lá pretensioso era o rapaz mas não era nada tolo. Conseguimos escrever como Hemingway é impossível, já que não há dois escritores absolutamente iguais; mas para se fazer algo de útil na arte de escrever, o *metier triste*, como o próprio Ernest lhe chamava, poder enfim ser-se um escritor autêntico, é condição necessária, ainda que não suficiente, correr mundo para obter essa tal atmosfera.

Como pode você escrever um livro sobre a guerra se nunca esteve no meio deles? A cultura livresca é uma boa coisa, muitos até se julgam cultos só porque leram meia dúzia de romances, mas não chega. Assim como não basta ter cursos disto ou daquilo. Já os velhos nautas portugueses diziam que «a experiência é madre das cousas»

e diziam outros que com os portugueses aprendia-se mais num ano do que com os gregos em cem. O próprio Épico fala-nos da sua «longa experiência», e longo estudo, coisas que, juntas, se acham raramente.»

Ievtuchenko, no seu livro «Autobiografia Prematura», conta o seguinte episódio: Um crítico de grande fama dizia aos seus alunos: mas porque vão vocês sempre para tão longe, para o Kamtchaka, para a Sibéria? Não sabem quanto isso custa ao Estado? Subam para um eléctrico e, com um bilhete de 15 cts., podem ir a qualquer fábrica de Moscovo. Aí levantou-se um jovem escritor e, olhando fixamente aquela celebridade, disse: camarada, já há dez anos que o bilhete do eléctrico não custa 15, mas 30 cts.

E o poeta russo termina com pertinente esclarecimento: «Para certos escritores as quatro paredes da sua casa tornaram-se o seu mundo; eu pelo contrário, não queria que a minha casa se tornasse para mim o mundo inteiro, mas que o mundo fosse a minha casa.»

Depois disto tudo resta uma pergunta a fazer: terão todos as mesmas possibilidades de sair da sua terra ainda que seja só para passear? Suponhamos que sim. Então não basta observar, mas saber observar, viver com os outros os problemas deles. E voltamos a ouvir o grande Eugeni: «Quando fui ao estrangeiro não me

«Continua na 4.ª página»

## FALECIMENTO

Faleceu em Lisboa, no passado dia 21 de Fevereiro o nosso bom amigo Augusto da Silva Pinheiro, de 48 anos de idade, natural de Cairas, e pertencente à boa e dedicada família «Pinheiros» filho dos falecidos António Joaquim Pinheiro e Felismina de Jesus da Silva Lage, e irmão dos: Rufino, Armando, José e António e das sras. Florinda, Eulália, Emília, Cândida e Elzira e tio do nosso assinante sr. Armando da Farmácia e de muitos outros.

O funeral em Lisboa foi solene e grandioso e a Missa do 7.º dia em Cairas foi muito concorrida. A Igreja estava repleta de fieis. Deixa viúva a Senhora D. Maria Amélia Pereira Salvo Pinheiro, e três filhinhos de tenra idade: Ana Paula, Maria de Fátima e José Augusto mergulhados na mais profunda dor. A toda a sua numerosa família de cá e de lá apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

Faço favor, Leitor, leia este telegrama de uma agência noticiosa:

«Os distribuidores jugoslavos decidiram adoptar novos critérios para a importação de filmes. Tendo sido acusados de favorecerem a projecção de filmes comerciais e de incluírem nos seus programas obras exaltando os actos de terror, a prostituição e o uso da droga, decidiram passar a importar somente as películas que obedecem a um critério de alta qualidade.»

Assim li e transcrevo na íntegra o telegrama que os jornais diários reproduziram e que me vem dizer da justiça que os distribuidores de filmes na Jugoslávia fazem ao publico, quando ele se queixa da má qualidade dos filmes apresentados naquele país.

Lá, não como cá, olha-se para o publico, que conscientemente lhes indica, certamente através do seu desagrado aparecido na Imprensa, qual a qualidade de filmes que lhe convem ver exibido.

Aqui, Leitor... É precisamente ao contrário. Tenho lido várias vezes, não só da crítica como de mais elementos jornalísticos a insistente falta de senso para os filmes educacionais do povo. Haja em vista a TV, por exemplo, que devia aproveitar para nos tornar a vida mais bem disposta, numa melhoria de fim do dia, proporcionando-nos películas de sadia cerebração e apenas se lembra de nos impingir filmes policiais, com mortos, crimes, desassossegos, em suma: dramas cinzentos que em lugar de nos levar a cabeça fresca para a cama, a fim de dormirmos descansados, no-la vem transtornar com toda a gama de tragédias de que se serve para nos incomodar. Especialmente, Leitor, às mulheres, que depois temos de aturar de noite, em nervosismo constante de irritabilidade e sonhos maus...

A mim acontece-me isso, infelizmente, com a minha *sensorte*. A si não sei — mas também não quero saber.

O que queria era viver mais desassombado com os filmes que a TV nos prodigaliza, para isso seria preciso que a organização por-

(Cont. na 4.ª pag.)

# Uma Ilha celebrada pelos Românticos

As colinas apresentavam-se um pouco entumescidas nos seus contornos como as elipses de uma ânfora etrusca. As searas drapejavam a verde os campos da ilha e exalavam um odor agradável. Entre elas sobressaíam os «encerrados», separados por paredes de pedras vulcânicas, umas enegrecidas, outras esbranquiçadas. A ilha projectava a sua imagem nas águas quietas do Oceano com os seus recortes, baías, cabos, recifes e promontórios. Ao fundo do quadro avistava-se o cone do Pico, plantado numa cúpula de nuvens, rasgando, lá ao longe, a sua perspectiva aérea.

Foi com estas palavras que Chateaubriand descreveu a ilha Graciosa, nos Açores. Aportara à pequena e desabrigada ilha de Santa Cruz, em viagem para a América, no dia 6 de Maio de 1822. Era uma radiosa manhã de Primavera de mar calmo, como é raro no arquipélago. Depois de longos dias entre o mar e o céu, surgia no meio do Oceano deserto, um oásis que convidava a repouso. E Chateaubriand, que envergava uma farda vistosa, foi acolhido na ilha com todas as honras e hospitalidade.

Mas não foi só Chateaubriand, entre os escritores românticos, que desembarcou na Graciosa. Poucos anos antes, em 1813, Almeida Garrett, que então usava apenas o nome de João Baptista da Silva Leitão, passou umas férias na vila de Santa Cruz. Ficara em casa de seu tio, o juiz-deforo e severo magistrado, dr. João Carlos Leitão. Em plena adolescência Garrett já ali revelou as primícias do seu estro poético e dos seus dotes de orador parlamentar, como se ilustra com este episódio que a memória dos graciocenses reteve.

Rezava-se na matriz de Santa Cruz a missa nova do Rev. do Manuel Correia da Silva. Quando menos se esperava, sobe ao púlpito um mancebo, de grenha solta, de tez pálida, envergando uma larga capa negra. E discorre com brilho desusado e com originalidade sobre o significado da cerimónia litúrgica e os deveres que se impunham ao múnus sacerdotal. Era Almeida Garrett, que contava apenas quinze anos.

Mas o juiz que se encontrava entre os fiéis não achou graça ao improvisado do sobrinho. Repreendeu-o ásperamente e ameaçou levar a sua queixa mais longe...

Foi também na Graciosa, como nos narra um memorialista local, que Garrett soltou os seus primeiros vagidos

poéticos, nove odes anacreônicas, que ofereceu a um íntimo amigo de seu tio, Francisco Homem Ribeiro. Canto Moniz autor da curiosa monografia sobre a Graciosa, tinha lido as composições manuscritas de Garrett no album daquele graciocense. Pensava certamente o poeta na Graciosa quando se referia nas odes a «esses grãos de areia que cercam o mar».

Assim a ilha Graciosa, na voz de outro poeta regional da época

«Esmeralda dos Açores  
Lindo açafate de flores»

permanece nos anais do Romantismo com as suas paisagens encantadoras e a generosa hospitalidade dos seus habitantes.

ANI

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

# SONETO

Ser humano é um ser de Deus eleito.

É ter pelas misérias compaixão,

É sentir a bater dentro do peito

Um bom, um generoso coração.

É ver, no que é disforme, o que é perfeito,

É não recusar esmola ou oração,

É olvidar que a vida é só defeito,

É praticar o Bem com devoção.

E esquecer, cá do Mundo, o que é vaidade,

É nas almas formar a caridade

Mostrando-lhes o exemplo de Jesus.

É dar aos pequeninos só bondade,

É não deixar esquecer a humildade,

Olhando bem de frente a eterna Cruz!

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

# AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

Seriam perto de onze horas da noite. A neve cessara de cair. O silêncio era profundo, quando, de repente, lá ao longe, se ouviu um grito estridente, aflitivo.

A infeliz Carmencita sobressaltou-se.

Era um grito humano, não havia dúvida.

O que se passaria no monte?

Pôs-se rapidamente de pé e foi até á entrada da cova. Mas, antes de que ela lá chegasse, o «Fiel», que dormia ou velava—acocorado ao lado do pequenino, surgiu lá de dentro como uma flecha, e partiu a correr pela abertura fora.

Carmencita, em cujo coração ressoava ainda o grito humano que ecoara no silêncio da noite, correu atrás do cão. O grito tinha-a surpreendido a limpar a navalha que encontrara no monte e, em vez de a deixar na cova, partiu com ela na mão.

De quem seria o grito? E a rapariga, aflitíssima, lembrava-se do seu amiguinho.

Fora de si, correrá atrás do «Fiel», que havia desaparecido nos ângulos pedregosos do caminho.

Perdera de vista o cão, quando, correndo, sempre, ouviu ao longe um uivo fúnebre, doloroso, verdadeiro grito de mortel!

Tinha sido com certeza o «Fiel» que saltara aquele grito angustioso, dilacerante.

Carmencita correu como louca, empunhando a navalha.

A neve caía sobre ela, as trevas rodeavam-na, o eco daqueles gritos repercutia-se ainda nos seus ouvidos com acentos horríveis de tragédia.

Que se teria passado no monte?... Que origem teriam aqueles gritos alucinantes que — a pobre já não o duvidava—deveriam ter partido, primeiro do «Pardal», depois do «Fiel»?

Carmencita corria alucinada, mas para quê?...

Nem ela o sabia! Corria para o lado dos seus, em defesa dos seus, talvez para morrer junto deles.

## TRISTE CORTEJO

Poucas vezes se vê um enterro com tão pouco acompanha-

mento, como o da pobre mulher que, na sua mocidade se chamara «Cigarra de oiro».

Ao ver o velho carro de Caridade puxado penosamente por um pobre cavalo que mal se podia ter de pé, sem mais acompanhamento do que duas pessoas, um homem e uma mulher, sem uma cruz sem a oração de um sacerdote, sem as lágrimas de um parente, sem a piedade de um vizinho, recorda-se a frase dolorida de Larra.

«Meu Deus, como os mortos ficam só!»

Onde estariam os antigos admiradores da famosa «Cigarra de oiro», que no tempo da sua juventude, eram capazes de dar uma fortuna por um dos seus sorrisos?

Tão solitária fora, porém, a sua vida depois do seu casamento e ainda da sua viuvez, que ninguém,—além de duas únicas pessoas —a acompanhou a dormir o seu eterno sono.

Nem sequer um representante da casa onde a velha Filipa trabalhara, por menos categorizado que ele fosse, compareceu no funeral da infeliz. E assim, aquele triste cortejo, na sua passagem, parecia arrefecer os corações.

A mulher que acompanhava o féretro, quem havia de ser?...

—Sim, era ela, era Dolores, com um véu negro a cobrir-lhe o rosto formoso, com os olhos molhados de lágrimas, o coração desolado em face da ingratidão humana, que até levou ao mais lamentável e infame esquecimento aquele «filho» que tanto a tinha explorado e de quem ela fora verdadeira mãe—sendo, aliás, sómente madrasta—que nem ao menos foi ao enterro da infeliz senhora.

Além de Dolores, cheia de indignação, ao pensar em tudo isto, o homem que acompanhava também o funeral era Diogo—o famigerado patife que tinha firmado um pacto tenebroso com D. Gonçalo, o mordomo e «factotum» da duquesa de los Brenos.

Dolores não o reconheceu.

Nem o reconheceu quando ele, que de há muito caminhava atrás do féretro, se chegou a ela e lhe disse muito cerimonioso:

—Minha senhora, pensa em ir até ao cemitério?

—Sim, senhor — respondeu Dolores, sem levantar os olhos do chão.

—Nesse caso, como penso fazer o mesmo, permita-me que lhe ofereça um lugar no carro em que tenciono ir. O caminho é longo e logo que o carro fúnebre saia das ruas mais centrais, passará a ir a trote e nós apanharemos uma grande caminhada.

Dolores, em face do delicado oferecimento e no estado de cansaço do corpo e do espírito em que se encontrava, nem pensou em recusar a gentileza.

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Réu Absolvido

Na discussão na Assembleia Nacional da Lei sobre o condicionamento do plantio da vinha, as videiras americanas foram condenadas por produzirem vinho nefasto à saúde pública! Estas afirmações foram feitas por deputados baseados em dados científicos. O deputado pelo círculo de Aveiro, dr. Homem de Melo, não se conformou com as afirmações dos colegas e numa defesa brilhante e judiciosa provou também cientificamente que o vinho americano é aconselhado por médicos como o mais inofensivo dos vinhos pelo seu baixo teor alcoólico, etc.

Em face de tais afirmações e de outras que defendem os direitos constitucionais dos cidadãos atingidos pela violência da lei que já provocou mortes em Aveiro quando lá apareceu uma brigada para corte das cepas, a sentença a proferir pelos «M.mos Juizes» vai ser favorável à continuação da existência do precioso nectar dentro

do condicionamento existente.

Ainda bem que imperou o bom senso.

### Palácio da Justiça

A última Tribuna Livre, na 1.ª página, encheu de alegria os habitantes do Concelho que aspiram pelo progresso e pela paz. Assim entre tantas obras aprovadas e subsidiadas, contamos na certa com oito mil contos para o Palácio de Justiça a arigir no lugar dos Guiames, zona que asfixiava o progresso e as boas relações «inter-família» de duas povoações que pugnavam pelos seus direitos. Os Guiames poderão ser uma linda joia a enriquecer um conceiho. Mas depende de um estudo de urbanização adequado ao prestígio das duas terras que se vão abraçar quando lhe for colocado esse anel de aliança. Assim seja e assim o deseja quem no coração tem as duas povoações merecedoras de tudo e dos «milagres» do amor.

### 2.ª Publicação

## Tribunal Judicial da Comarca DE BRAGA ANÚNCIO

Pelo Primeiro Juízo de Direito desta comarca, na acção de despejo pendente na 2.ª secção, movida pelo autor Alvaro Ferreira Capa, casado, proprietário, morador na rua de Santo António da Praça N.º 11, desta cidade, contra Paulo António de Jesus Veloso, solteiro, maior, ausente em parte incerta e com o último domicílio conhecido no lugar da Canceia, freguesia de Sequeiros, comarca de Amares, e outros, é aquele réu citado para constestar, apresentando a sua defesa no prazo de cinco dias que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em ser decretada a resolução de contrato de arrendamento e os Réus condenados a despejar imediatamente as dependências identificadas na petição inicial, ou quem quer que as ocupe, com custas e condigna procuradoria.

Braga 6 de Fevereiro de 1974

O Juiz de Direito do 1.º Juízo,  
José Marques.

O Escrivão da 2.ª secção  
António Monteiro

## Condições de Assinatura

### Estrangeiro

Avião—ano . . . . .	180000
Semestre . . . . .	90000
Barco—ano . . . . .	60000
Semestre . . . . .	30000
Avião—ano . . . . .	180000
e Províncias Ultramarinas	
Semestre . . . . .	90000
Barco—ano . . . . .	60000

### Continente

Ano . . . . . 50000

### Ilhas

Avião—ano . . . . .	150000
Semestre . . . . .	75000
Barco—ano . . . . .	60000
Semestre . . . . .	30000

## Futebol Particular

Na passada terça-feira, o F. C. Amares deslocou-se à Póvoa de Lanhoso para aí defrontar o grupo local, clube que milita na 1.ª Divisão Regional de Braga.

Venceu o nosso representante por 3-1 conquistando o maravilhoso troféu em disputa.

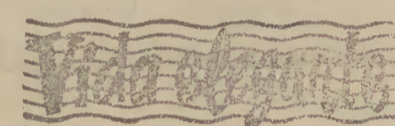
Mesmo tratando-se de jogo particular, muitos adeptos se dirigiram à ridente vila da Póvoa de Lanhoso e no final do encontro era geral o contentamento.

## Telefones para serviços

### DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Régo	62124
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145



## Aniversários

### Fazem anos:

Ontem, dia 1, festejou o seu aniversário natalício a sra. D. Durvalina Barros Azevedo e o sr. João Manuel Ribeiro Gonçalves, filho do nosso assinante sr. Horácio Gonçalves e de sua esposa D. Mariana Batista Ribeiro, de Fiscal, e residentes no Barreiro.

Hoje, dia 2, passa o aniversário natalício da sra. D. Margarida Rosa Dias Pereira.

No dia 5 o nosso particular amigo sr. João Vieira Pinto, a cumprir serviço militar na Figueira da Foz.

No dia 6 a sra. D. Maria de Lurdes Araújo Leite, extremosa esposa do nosso assinante sr. José Gonçalves Leite, conceituado comerciante e proprietário desta vila.

No dia 7 o sr. António Gomes da Silva a quem cumprimentamos cordialmente.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

## Telefone dos Bombeiros V. de Amares 62162

## 5.ª COLUNA

Continuado da 1.ª pagina

tuguesa olhasse o publico tal qual os distribuidores jugoslavos.

Isso é que era belo, não acha Leitor?

EME ABRIL

## Necessidade de Viajar

preocupe com a beleza dos monumentos mas em encontrar homens que estivessem dispostos a lutar contra a injustiça, a exploração do homem pelo homem. Conversei com vinhateiros acerca de política, com pescadores de camarão debati o problema da felicidade humana, com grandes cocos cheios de leite, brindei, com jovens gandeses, pelo futuro da África.»

Ferraz da Mota

### CARROS DE ALUGUER PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

*Adelino da Silva e Sousa*

MOTORISTA DE PRAÇA

RUA DA DEVESEA N.º 7

PRAÇA RESIDÊNCIA  
TELEF. 22424 BRAGA TELEF. 26220

Telefone dos Serviços dos  
Bombeiros V. Amares 62162

# BANCO PINTO DE MAGALHÃES

## CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1973

O ano que passou constituiu o primeiro exercício completo em que a nossa Instituição actuou na forma jurídica de sociedade anónima.

Passamos a uma rápida apreciação dos indicadores mais significativos, para uma melhor caracterização do exercício.

O valor total dos depósitos atingiu, em Dezembro, cerca de 10,3 milhões de contos, o que representa um crescimento da ordem dos 24 por cento em relação aos 8,3 milhões alcançados uns anos antes.

Deve sublinhar-se que mais de metade desta subida de 2 milhões de contos se situou na rubrica dos depósitos à ordem, que se expandiram 25 por cento em relação a 1972, tendo os depósitos a prazo aumentado 906 mil contos (mais 22 por cento do que em 1972) e os depósitos com pré-aviso aumentado 70 mil contos (mais 52 por cento).

Como se vê, o valor dos depósitos à ordem superou o dos depósitos a prazo, facto que se não verificava no nosso Banco desde 1969.

No que se refere ao crédito concedido, a expansão foi também substancial.

No âmbito da «Carteira Comercial», a subida em termos de movimento global foi de 6,2 milhões de contos, e, no âmbito dos «Empréstimos», a subida foi superior a 4,6 milhões.

No entanto, é ainda a primeira rubrica aquela onde se gera o maior volume de crédito concedido, acrescentando ainda que o saldo da Carteira Comercial patenteava, em 31 de Dezembro, um valor de 7 023 milhares de contos, contra 4 081 milhares no ano anterior, facto que confirma expressamente a expansão deste sector.

Considere-se no entanto que, sendo estes números a expansão monetária a preços correntes de totalidades de crédito concedido, referidas ao fim de cada um dos anos, a respectiva diferença contém em si, para além

do verdadeiro crescimento da quantidade desse crédito, um empolamento devido à evolução dos preços, bastante sensível neste período.

O valor do Capital e Reservas, caso a nossa proposta de aplicação de resultados venha a obter a vossa aprovação, atingirá a cifra de 653 milhares de contos.

Por sua vez, o valor do nosso Activo total, que era de 17,1 milhões de contos no fim de 1972, situa-se agora ao nível de quase 25,6 milhões, o que reflete bem a dimensão já atingida pela nossa Instituição.

Outro indicador que revela expressivamente a preferência do público pelos nossos serviços consiste no valor dos títulos de Clientes à guarda da nossa Conservadoria, o qual atingiu no fim do ano cerca de 7 milhões de contos. E esta cifra pode ser conjugada com o enorme volume de transacções de títulos efectuadas aos nossos balcões, por ordem de Clientes, para assim se avaliar como são reconhecidos a qualidade e o cuidado que sempre pomos na defesa dos seus interesses.

Em matéria de subscrições públicas de acções, desempenhamos também um papel relevante. Em 19 emissões levadas a efeito em 1973 e para um total de 2,4 milhões de contos oferecido à subscrição pública, entraram nos nossos balcões quase 7 milhões de contos, correspondentes a 8,8 milhões de acções subscritas e a cerca de 250 mil boletins—isto é, o volume de capitais que canalizámos foi quase triplo do volume total emitido para o público.

O valor bruto das receitas totais atingiu quase 822 mil contos, o que representa um acréscimo de cerca de 91 por cento em relação ao ano anterior.

É evidente que uma tal cifra tem de ser, em grande parte, atribuída à alta conjuntura que o País viviu durante a quase totalidade do ano, não sendo de prever que venha a repetir-se tão cedo um ano semelhante.

De facto, as condições de custos e de mercado fo-

ram excepcionalmente propícias, os investimentos programados puderam realizar-se e a situação financeira da empresa saiu solidamente reforçada, mercê de uma gestão sempre atenta às oportunidades criadas.

Dal ter sido possível fazer face a um volume de reintegrações do Activo Imobilizado de 52 192 contos e constituir provisões no montante de 80 000 contos, e libertar ainda um lucro líquido de 86 351 mil contos, que adicionado do valor de 1972 nos permite propor a seguinte aplicação:

Fundo de Reserva Legal . . . . .	10 000 000\$00
Outros Fundos de Reserva . . . . .	51 000 000\$00
Dividendo (6% . . . . .)	25 200 000\$00
Conta Nova . . . . .	185 812\$80
	<b>86 385 812\$80</b>

Ao terminarmos este Relatório, queremos deixar expresso o nosso profundo reconhecimento aos Clientes, objecto dos nossos maiores cuidados, pela preferência com que nos têm distinguido; ao Conselho Fiscal, pelo elevado espírito de cooperação com que sempre desempenhou a sua missão; aos nossos Funcionários, obreiros do nosso progresso, pelo sentido de bem servir que demonstraram na sua actuação; aos nossos Correspondentes, pela atenção e eficiência que souberam imprimir à colaboração que nos prestaram.

### O Conselho de Administração

Afonso Pinto de Magalhães — PRESIDENTE  
Rodrigo Abílio Pinto de Barros Freitas  
Crispim Alberto Pinto Telxela  
António Correia da Silva (Dr.)  
Álvaro António de Carvalho Plano  
Tito Francisco Sanches (Dr.)

## BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1973

### ACTIVO

#### DISPONÍVEL E REALIZÁVEL

Caixa e Depósito no Banco de Portugal . . . . .	1 388 666 889\$34		
Depósitos Noutros Instituições de Crédito . . . . .	763 995 365\$26		
Promissórias de Fomento Nacional . . . . .	99 000 000\$00	2 251 662 254\$60	
Correspondentes no Estrangeiro . . . . .	71 557 906\$41		
Ouro, Moedas e Notas diversas . . . . .	160 036 883\$39		
Carteira de Títulos e Cupões . . . . .	514 824 189\$94		
Carteira Comercial . . . . .	7 023 645 940\$47		
Letras Sobre o Estrangeiro . . . . .	310 368 844\$50		
Correspondentes no País . . . . .	107 413 162\$46		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados . . . . .	966 004 979\$65		
Devedores e Credores . . . . .	120 801 750\$74		
Empréstimos a mais de Um Ano . . . . .	40 017 807\$80		
Outros Valores Realizáveis . . . . .	16 741 218\$48	9 331 412 683\$84	11 583 074 938\$44

#### IMOBILIZADO

Participações Financeiras . . . . .		39 425 262\$57	
Imóveis			
Custo . . . . .	174 031 441\$27		
Amortização . . . . .	32 646 923\$71	141 384 517\$56	
Mobiliário e Material			
Custo . . . . .	65 735 858\$45		
Amortização . . . . .	41 204 596\$04	24 531 262\$41	
Despesas de Constituição e Instalação			
Custo . . . . .	70 104 332\$22		
Amortização . . . . .	37 457 949\$36	32 646 382\$86	
Outros Valores Imobilizados			
Custo . . . . .	1 888 044\$25		
Amortização . . . . .	—\$—	1 888 044\$25	239 875 469\$65

#### Outras Contas do Activo

Contas Transitórias e de Regularização . . . . .		7 049 164 300\$10	
		18 872 114 708\$19	

#### Contas de Ordem

Valores de Conta Alheia . . . . .	1 197 406 938\$76		
Valores Recebidos em Caução . . . . .	3 005 055 192\$50		
Devedores por Garantias e Avals Prestados . . . . .	891 523 307\$56		
Devedores por Aceites . . . . .	1 111 158 120\$37	2 325 348 104\$08	
Devedores por Créditos Abertos . . . . .	322 666 676\$15		
Outras Contas de Ordem . . . . .	184 998 748\$90	6 712 808 984\$24	
		25 584 973 692\$43	

### PASSIVO

#### EXIGÍVEL

Depósitos à Ordem — Moeda Nacional . . . . .	5 081 624 850\$39		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional . . . . .	205 475 361\$55		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional . . . . .	4 997 841 183\$72	10 284 941 395\$66	
Cheques e Ordens a Pagar . . . . .	107 187 387\$51		
Exigibilidades Diversas . . . . .	10 568 287\$06		
Correspondentes no País . . . . .	8 388 510\$10		
Correspondentes no Estrangeiro . . . . .	5 980\$30		
Empréstimos e Contas Cor. Caucionados . . . . .	58 583 564\$45		
Devedores e Credores . . . . .	446 061 029\$35	630 794 758\$77	10 915 736 154\$43

#### NÃO EXIGÍVEL

Contas Transitórias e de Regularização . . . . .	7 082 262 871\$94		
Mais-Valia da Carteira de Títulos . . . . .	58 678 527\$50		
Provisões Diversas . . . . .	136 801 341\$52	7 277 742 740\$96	

#### CAPITAL E RESERVAS

Capital . . . . .	420 000 000\$00		
Fundo de Reserva Legal . . . . .	36 500 000\$00		
Outros Fundos de Reserva . . . . .	135 750 000\$00	592 250 000\$00	

#### RESULTADOS

Lucros e Perdas			
Saldo do Exercício Anterior . . . . .	34 375\$48		
Resultados do Exercício . . . . .	86 351 437\$32	86 385 812\$80	
		18 872 114 708\$19	

#### CONTAS DE ORDEM

Credores por Valores de Conta Alheia . . . . .	1 197 406 938\$76		
Credores por Valores Recceb. em Caução . . . . .	3 005 055 192\$50		
Garantias e Avals Prestados . . . . .	891 523 307\$56		
Aceites . . . . .	1 111 158 120\$37	2 325 348 104\$08	
Créditos Abertos . . . . .	322 666 676\$15		
Outras Contas de Ordem . . . . .	184 998 748\$90	6 712 808 984\$24	
		25 584 973 692\$43	

### Conta de Lucros e Perdas do exercício de 1973

#### CRÉDITO

Saldo do exercício anterior . . . . .	34 375\$48	
Juros e comissões a nosso favor . . . . .	521 600 860\$67	
Resultados em operações camb. s/ títulos . . . . .	264 939 915\$68	
Rendimento de títulos de crédito . . . . .	8 901 745\$10	
Outros rendimentos, receitas e lucros . . . . .	25 948 626\$90	821 391 148\$35
		821 425 523\$83

#### DÉBITO

Juros e comissões a n/ cargo . . . . .	404 135 604\$75	
Contribuições e Impostos . . . . .	6 202 021\$40	
Despesas c) o Pessoal		
Remunerações dos corpos gerentes . . . . .	3 079 000\$00	
Remunerações dos empregados . . . . .	119 613 483\$70	
Encargos sociais obrigatórios . . . . .	9 935 502\$50	
Outros encargos . . . . .	3 152 441\$50	135 780 427\$70
Despesas Gerais		
Publicidade . . . . .	8 377 333\$30	
Conservação de instal., mob., e material . . . . .	6 206 879\$35	
Outras despesas . . . . .	40 597 340\$81	55 181 553\$46
Encargos diversos . . . . .	1 547 742\$67	
Provisões e amortizações		
Dotações para provisões diversas . . . . .	80 000 000\$00	
Dotações para contas de amortização . . . . .	52 192 361\$05	735 039 711\$03
Saldo . . . . .	52 192 361\$05	86 385 812\$80
		821 425 523\$83

O Técnico de Contas,  
Fernando Luis Correia da Silva

### PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Presidente do Conselho de Administração,  
Afonso Pinto de Magalhães

No cumprimento do mandato, da lei e dos estatutos, acompanhamos a vida administrativa do Banco, examinando, periodicamente, as contas da Administração e os valores sociais, para o que sempre nos foram facultados os necessários elementos de estudo e prestados todos os esclarecimentos pedidos.

Assim, estamos habilitados a informar que os verificados Balanço e Contas, relativos ao exercício de 1973, instruídos com os respectivos inventários, expressam, com realidade clareza e inteira observância das disposições legais vigentes, a situação patrimonial do Banco.

Por sua vez, o Relatório, a par de explicar os perfeitos dados contabilísticos apresentados, evidencia, com a eloquência dos números, o impressionante crescimento do Banco em todos os seus sectores de actividade, o que registamos com viva satisfação.

Os critérios valorimétricos adoptados correspondem, com exac-

ção e de harmonia com o legalmente estatuido, à correcta avaliação do património social.

Os bons resultados obtidos devem-se á actuação oportuna e prudente, competente e zelosa da Administração, a quem agradecemos e retribuimos os cumprimentos de gratidão pela leal cooperação prestada.

Por imperiosos deveres da sua vida profissional, perdeu este Conselho, no decurso do exercício findo, a seu pedido e com pesar, a prestimosa colaboração do Ex.mo Senhor Dr. Elmano Alves.

A sua vaga foi prontamente preenchida, através de eleição suplementar, pelo Ex.mo Senhor Dr. Duarte Nuno de Lima Barroso, eficientemente interessado e interessado nos trabalhos deste Conselho. Por tudo o exposto, somos de Parecer que:

1.º—Sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas, apresen-

tados pelo Conselho de Administração e relativos ao exercício de 1973;

2.º—Ao resultado apurado, seja dada a aplicação proposta pela Administração;

3.º—Seja conferido um voto de louvor e gratidão ao Conselho de Administração pela superior, atenta e proveitosa orientação dada aos negócios do Banco; e

4.º—Seja acompanhado o Conselho de Administração no reconhecimento expresso a todos os seus colaboradores, pela atenção e interesse revelados no desempenho das suas funções.

O Conselho Fiscal

Dr. Ponciano dos Santos Gomes Serrano—Presidente  
Dr. Duarte Nuno de Lima Barroso  
Comendador José da Costa Oliveira

**BANCO PINTO DE MAGALHÃES**

SEDE — Rua Sá da Bandeira — PORTO

FILIAL — Rua do Ouro — LISBOA